



BATUQUE: FAROL E ESPELHO DE UMA RAÇA*

Josse Fares e Paulo Nunes

* Texto apresentado com Prefácio da 7ª. Edição de *BATUQUE*, 2005.

* Professores da Universidade da Amazônia. Doutorandos em Literatura Comparada na Puc - Minas.

O preto que chama seus irmãos de cor a tomarem consciência de si próprios tentará apresentar-lhes a imagem exemplar de sua negritude e voltar-se-á para a sua própria alma a fim de captá-la. Ele se quer farol e espelho concomitantemente; o primeiro revolucionário será o anunciador da alma negra, o arauto que arrancará de si a negritude para estendê-la ao mundo, meio profeta, meio guerrilheiro, em suma, um poeta na acepção da palavra vate.

Jean Paul Sartre

Bruno de Menezes (1893/1963) autor deste “Batuque”, nos faz lembrar uma narrativa iorubá. Para os integrantes desta etnia, todo homem antigo – entronizado, portanto, no manto da sabedoria -, depois de enterrado, transforma-se em pedra. Bruno de Menezes, a partir de 1963, ano de sua morte em Manaus, metamorfoseou-se em pedra angular do Modernismo no Norte do Brasil.

Polêmicas à parte, as veredas modernistas da Amazônia – e somos adeptos dessa corrente – foram desbravadas com a publicação de “Bailado Lunar” (1924) e sedimentadas com “Batuque”, que saiu do prelo no livro “POESIAS”, de 1931. Desde aí, “BATUQUE” desvinculou-se da matriz e fez carreira solo (aqui as apropriações musicais, o leitor verá, não são mera coincidência!). Hoje, poderíamos afirmar que, falar da “poesia da negritude” brasileira sem citar este livro, é reforçar uma lastimável lacuna. E, mais que isso, é sonegar uma expressão significativa na geografia poética brasileira.

“BATUQUE” alinha Bruno de Menezes, por exemplo, a um Nicolas Guillén, ícone da poesia latino-americana. “BATUQUE” é, pois, ponte a espriar a negro-amazonicidade ao mundo. E isso poder ser atestado pela referência que faz, em 1960, a revista francesa *Présence Africaine*, *front* das lutas libertárias dos países de África contra o colonialismo europeu: “BATUQUE” é uma coleção de imagens vivamente coloridas, estuantes de sabor popular, porém impregnadas de uma atmosfera sagrada e mística, não encontrada, habitualmente, na poesia negra latino-americana (...) Apesar dos temas e cenários profanos, sofre a influência de uma inspiração religiosa, revelando o negro brasileiro em sua integridade cósmica, trabalhado pela ação ancestral que lhe modela a dança e o canto. Como vemos, se Bruno não alcançou o destaque que deveria, isso provavelmente se deve à ausência de uma política cultural que nos tire, os amazônidas, do isolamento.

Se “BATUQUE” apresenta algo que inicialmente pode parecer piegas ao leitor de hoje (o culto aos heróis da Histórias do vencedor; Princesa Isabel, Duque de Caxias, Visconde de Rio Branco, ou ainda a adjetivação desmedida: “ardor cívico”, “arrojo máximo”), é um livro que se destaca como canal de uma voz indignada que brada – “farol e espelho”, no melhor estilo preconizado por Sartre -, com conhecimento de causa, contra a opressão imposta aos negros, que sofreram (e infelizmente sofrem ainda) “a tragédia da raça”.

Amigo de Tó Teixeira ((que, como uma mulemba, emprestou-lhe as sombras que o fizeram mergulhar no universo dos livros) com quem foi aprendiz de encadernador, Bruno jamais se afastaria da vivência intelectual. Sua trajetória de “agitador cultural” não mais declinou, nem mesmo quando, em 1963, foi acometido por um infarto fulminante e Ogum resolveu levá-lo montado em seu “cavalo-de-vento”.

As habilidades verbais do “poeta da lua” revelam uma poesia que evolui diante do leitor assonâncias, aliteraões, entonação em sons nasais, bem como a defesa da religião afro-brasileira e dos valores étnicos dos negros. Tudo

isso faz “BATUQUE” um livro *sui generis*. Não é demais lembrar Edson Coelho (O Liberal, 25/10/96), também poeta, conterrâneo de Bruno, que se refere ao autor de “BAILADO LUNAR” como “mestre das palavras percussivas”: “...as ancas que vão num remanso rolando/no tombo do banjo...”

Mas, ao que tudo indica, o que dá um tom que difere “BATUQUE” dos demais livros de poemas negritudinistas brasileiros é a sua “arquitetura” amazônica. Evidenciam-se, nos poemas desta antologia, o perfume das ervas da mata, a liquidez das águas barracentas da bacia amazônica, o malabarismo dos “corpos lisos lustrosos” dos negros que exalam eroticidade, pessoas que têm um pé na Amazônia, mas não cortaram o cordão umbilical que os atava à África-mãe. Após este livro, torna-se difícil, pelo menos entre nós, a exploração da temática da negritude mantendo-se o mesmo tom de expressividade.

Guardando-se as devidas proporções, “BATUQUE” é obra recordista em popularidade entre os leitores paraenses, se considerarmos os livros que foram publicados nos limites da própria região, desvinculados de grandes editoras nacionais. Ele chega à sétima edição, o que totaliza uma média de mil, exemplares consumidos a cada dez anos. É pouco! Diriam alguns. Nem tanto, responderíamos, dado que nunca uma grande editora nacional – com eficiente esquema de divulgação e distribuição – se ocupou desta obra, como deveria ter feito.

A poesia negritudista de Bruno de Menezes antecede as edições de *Poesia Negra de Expressão Portuguesa* (1953) e da *Antologia Temática de Poesia Africana: na Noite Grávida de Punhais* (1975), *Coletâneas que Reúnem as Produções dos Poetas do Palop* (Países Africanos de Língua Portuguesa). Apesar do distanciamento temporal e espacial, as antologias africanas, não raro, ecoam as vozes poéticas entoadas no “BATUQUE” do poeta paraense, através dos ritmos da enunciação e dos temas trabalhados no enunciado: o engajamento político-social, presença de culturas ancestrais, rituais religiosos, entre outros.

Na esteira do enunciado, tanto os versos de Bruno de Menezes quanto os dos poetas africanos transformam as palavras em “punhais”, que se erguem para gritar denúncias e indignações. São vozes de África: “Não mais a África – da vida livre – e dos gritos agudos de azagaia! (...) Foste homem perdido/ em terras estranhas. // No Brasil/ganhaste calos nas costas/ nas vastas plantações de café” (Francisco José Tenreiro In “Epopéia”). E também vozes do Brasil: “Ô negro arrancado do torrão congolense/(...) Foste quem plantou partidas de cana/Na terra da América/que o engenho ainda hoje mastiga rangendo” (Bruno de Menezes In “Cachaça”).

Dentre as figuras ancestrais, destaca-se a mãe que, “invocada pelo eu-lírico identifica-se, ao mesmo tempo, com a mãe singular (...) e a própria África” (Verani In *África e Brasil, Letras e Laços*). “Ai/ mãe negra chorando/ ai doce terra gemendo (...) há só flores de sangue/girassóis de dor (...) meus filhos todos partiram (Agostinho Neto In “Adeus à hora da largada”).

Nesses versos, a mãe singular” desdobra-se para personificar, como afirma Verani, a própria África a lamentar a partida dos filhos para a escravidão. Esse tom doloroso já se via em “Mãe Preta”, de Bruno de Menezes: “és Mãe Preta uma velha reminiscência / das cubatas, das senzalas, / com ventres fecundos padreando escravos”.

Os rituais religiosos, tanto em *Batuque* quanto nos poemas africanos, são marcados, no enunciado, pelo teor social e, na enunciação, pela musicalidade dos versos. “Tambor está velho de gritar/ é velho deus dos homens/deixe-me ser tambor/só tambor gritando na noite quente dos trópicos (...) Só tambor velho de gritar o silêncio amargo da Mafalala (...)//Oh, velho deus dos homens/deixa-me ser tambor/só tambor” (José Craveirinha In “Quero ser tambor”).

O tambor é “um instrumento de convocação ritualística”(Jorge: *África e Brasil: Letras em Laços*) muito comum nos rituais afro-brasileiros. E o eu-poético se quer tambor para gritar protestos, convocar à luta.

Nos antológicos versos de “Batuque”, Bruno de Menezes, entre aliterações e sinestésias, traz à cena do poema o ritual do Batuque, assinalado pelo sensualismo e pela denúncia:”E o batuque batendo e a cantiga cantando/ lembram na noite morna a tragédia da raça/ (...)O batuque rebate rufando banzeiros/As carnes retremem na dança carnal...”

Bruno de Menezes, um afro-descendente, nascido em Belém do Pará, ao que nos parece, antecipou-se aos próprios africanos na construção de uma poesia que traz a lume as vozes da “terra africana que o branco assaltou”. Somente isso talvez justificasse a reedição deste trabalho, mas há muito mais a sorver na leitura deste *Batuque*.